

## BATEDORES

GUSTAVO CORÇÃO escreveu outro dia sobre os batedores motorizados que precedem o carro do presidente da República. Um amigo meu contou-me ontem o que lhe aconteceu. Vinha tranquilamente da cidade quando ouviu atrás de si a zoeira escandalosa dos batedores; tratou de ir chegando o carro para junto do meio fio, mas logo apareceu um dos guardas de motocicleta berrando — «tire êsse carro daí!». E ao mesmo tempo que gritava esticava uma perna dando dois pontapés no carro de meu amigo, com suas botas.

Não podemos culpar do fato o sr. Juscelino Kubitschek, mas não é mal que êle saiba disso; e posso adiantar que o dono do carro escouçado pelo batedor é um mineiro seu conhecido. O caso ameaçou se tornar grave, porque êsse mineiro não se conteve e gritou um desafio para o estúpido guarda; êste diminuiu a marcha da moto e olhou para trás, como se fôsse voltar para castigar o desabafo do paisano; certamente não o pôde fazer, por ter de acompanhar seus colegas na disparada espalhafatosa.

Cuide-se o dr. Juscelino dos que o guardam, que a História dêste país mostra que um Presidente deve se guardar de sua guarda; os batedores podem ser, individualmente, umas flores de sujeitos, mas como instituição são anti-páticos e irritantes. Alarma-se e ofende-se o cidadão comum com os silvos escandalosos e a disparada histérica das motos que o ameaçam atropelar. As sereias parecem gritar: «Sai da frente, povo, plebe miserável! Vai passar o Presidente no seu grande carro! Afastai-vos, pobres diabos!».

Talvez não seja isso exatamente o que dizem as buzinas; mas soa assim. Em circunstâncias especiais os batedores podem dar solenidade a um desfile; na prática diária são o que há de mais cafageste.

Mande o sr. Presidente êsses bravos rapazes batedores para a lavoura, bater feijão, e isto será melhor para o país e a causa da República.